FEPAL atendendo a emergência

Terceira mesa de diálogo on-line

23 de maio de 2020

Psicanálise em Movimento em Tempos de Pandemia

Magda Khouri[[1]](#footnote-1)

Nesses tempos tão difíceis de pandemia, é um grande prazer poder conversar com os queridos amigos Laura Katz, Agustina Fernández, Javier Garcia e Fernando Orduz. Agradeço muito o convite da FEPAL, que tem colocado em permanente movimento a troca entre os colegas latino-americanos.

Partindo da afirmação que o vírus não é uma metáfora, e sim uma circunstância que se impõe nas diversas esferas da sociedade, com evidentes efeitos na subjetividade, e, por sua vez, na esteira do mundo, toda a crise que estamos vivendo vem também colocando a psicanálise em visível movimento, que é justamente a proposta de reflexão desta mesa.

*Excesso de realidade: primeiro tempo*

O filósofo coreano Byung-Chul Han, há 10 anos, em seu ensaio *Sociedade do Cansaço*, desenvolveu a tese de que o século XX foi uma época bacteriológica, com o seu fim a partir da descoberta do antibiótico. A esta época, que o autor denominou de imunológica, se estabeleceu uma divisão nítida entre o dentro e o fora, amigo e inimigo. Acrescenta que o paradigma imunológico foi dominado pelo vocabulário da Guerra Fria: mesmo que o estranho não represente nenhum perigo, ele será eliminado devido a sua alteridade. Assim, o princípio da negatividade regeria a imunização, no sentido que a violência viria do outro, de um vírus a ser atacado.

No século XXI, no mundo da globalização, o filósofo aponta que há um excesso de positividade, que faz surgir novas formas de violência que, pela superprodução, superdesempenho ou supercomunicação, provocam a exaustão, o esgotamento e o sufocamento frente à demasia. Nesse contexto, guerrearemos contra nós mesmos e não contra um inimigo externo, sendo, por exemplo, a depressão uma das fortes manifestações emocionais observadas na atualidade.

Seguindo esse modelo de pensamento, numa sociedade de um excesso de igual, aparentemente sem fronteiras pelo alcance das redes sociais, a Covid-19 surge como um novo inimigo a ser derrotado, reestabelecendo uma reação imunitária, que se caracteriza por criar cercas, barreiras e muros.

Na nossa era virtual, que nos posiciona de forma mais passiva diante do bombardeamento de informações, o vírus surge como um golpe radical de realidade. Uma vivência de eclipse, como se a subjetividade houvesse eclipsado, de acordo com Bernardo Tanis ao se referir a este momento inicial de choque, na sua fala da primeira mesa de diálogo da FEPAL (25/4/2020).

O psicanalista Fabio Herrmann, em suas reflexões sobre a teoria da crença, escreve que quando a continuidade do cotidiano se quebra e somos capturados por questionamentos inesperados, rompe-se o campo das representações, daí vive-se um estado provisório de não-representabilidade.

Difícil nomear o que está se passando. Pouco se sabe. De tão real parece ficção.

Pedro Almodóvar, durante os onze primeiros dias de quarentena não se sentiu animado a tomar nenhuma nota até que se deparou com a notícia de que o Palácio de Gelo, em Madrid, havia se convertido em um improvisado necrotério. O cineasta comenta que é mais fácil de entender a realidade atual como uma ficção fantástica, saída de relatos de ficção científica dos anos 50, quando imperava a Guerra Fria. O governo americano já se encarregou de reproduzir esses filmes de terror se referindo ao “vírus chinês” e uma versão brasileira apareceu como “comunavírus”.

O escritor brasileiro Antonio Prata escreveu um artigo no jornal a Folha de S.Paulo, cujo título já revela esse momento de suspensão em que nos encontramos: *Não sabemos.* De acordo com o autor, o jornalismo tomou lugar da ficção, e é pelas notícias que choramos, sentimos medo, raiva, empatia. Agora as obras literárias estariam eclipsadas pela realidade.

Nessa mesma linha de experiência, de uma realidade que invade e cola em todos os campos, Mia Couto, autor moçambicano, declarou ter certo pudor em pensar que fenômenos como a Covid-19 o inspire na sua escrita. Sente-se muito próximo desse drama para pensá-lo em termos literários. Talvez pelos relatos das pessoas nasça alguma poesia, suceda uma narrativa.

*Excesso de realidade: segundo tempo*

Todos nós no isolamento social temos certa liberdade em flutuar entre os campos da ficção e da realidade, escapes até podem ser criados para as angústias geradas pela incerteza, pelo perigo da doença.

Com o prolongamento da quarentena outros sentimentos vêm surgindo associados aos efeitos de estar aprisionado, da falta de contato afetivo, em alguns casos uma certa apatia e profunda distração. Experiências sobre as mais variadas formas para atravessar as dores da crise, não cessam de serem relatadas. Saído do momento de choque, algum espaço para elaboração começa a surgir.

É dessa desaceleração do tempo, que Miguel Calmon disserta em seu artigo: *Sobre novas escolhas*. Precisamos ganhar tempo para não colapsar o sistema de saúde e nessa quebra do nosso cotidiano perdemos as atividades que nos servem como barreira de contenção, barreiras de para-excitação ao desenvolvimento da angústia. Exige de todos esforços para criar situações que evitem ficarmos expostos à destrutividade.

Em outro território estão os profissionais de saúde que vivem o excesso de realidade, de situações muitas vezes incontornáveis. O depoimento de um médico, da linha de frente ao combate da Covid-19, que infelizmente no Brasil ainda se encontra no seu auge, demonstra o trágico da experiência: vive um pesadelo, quer acordar, quer sair e não consegue. Daí a necessidade do apoio de todos os setores da sociedade a esses profissionais que estão submetidos a cargas extremas de trabalho e ao constante tempo da urgência.

Na América Latina, a crise evidencia ainda mais as condições precárias que a população menos favorecida se encontra, que, como em diversos eventos históricos, costuma ser o grupo mais prejudicado. O tempo de espera que pode funcionar em outros países e em determinadas classes sociais, aqui se torna totalmente descompassado com a realidade existente. A pandemia exige diferentes programas sociais de saúde pública que dessem conta de proteger certas camadas da população. Com a expansão do coronavírus pelo mundo, se permanecer o descaso político e da sociedade civil com as desigualdades sociais, só acentuará mais a invisibilidade de determinados sujeitos, que são deixados à sua própria sorte. Os movimentos de solidariedade nos diversos cantos latino-americanos têm sido fundamentais para oferecer alguns recursos emergenciais ao grupo social mais vulnerável.

Sabemos que o confinamento tem implicações de sobrevivência muito graves, gerando sofrimentos psíquicos tão intensos que não podem e não devem ficar alheios à possibilidade da escuta psicanalítica.

*Escuta psicanalítica em movimento*

Jorge Bruce, na sua apresentação no primeiro diálogo promovido pela FEPAL (25/4/2020), enfatiza que nunca foi tão necessária a escuta psicanalítica. Uma escuta que possa transitar nas fronteiras da realidade a que todos fomos jogados na pandemia, recuperando a própria construção da obra de Freud, sempre dotada de movimento.

Recorro novamente a Mia Couto em dois pontos que me chamaram especialmente a atenção. Um deles é situar que os vírusnão estão “fora” nem “longe”, estão onde está a vida, estão dentro de nós. Somos feitos a partir deles, pois o nosso genoma incorpora elementos virais. E que isso implica que novas pandemias virão, como diversos cientistas já haviam apontado. E se continuarmos tomados pela ilusão de nosso poder tecnológico, continuaremos despreparados para enfrentar as futuras crises. Retoma o estatuto das bases científicas para compreender e avançar no estudo do vírus, em vez de enxergá-lo como inimigo.

E, o segundo ponto, ao ser perguntado sobre como estava sua criação literária durante o confinamento, disse não ser o momento de escrever porque ocorreria de maneira forçada, complementando: “O modo de fazer poesia, agora, é estar na luta pela defesa da vida e da verdade, junto com os demais colegas jornalistas.” (Couto, 2020)

Em todas as conversas do nosso meio têm surgido diversas reflexões sobre o modo de fazer psicanálise agora. Talvez o caminho mais curto fosse nos assustarmos menos com as mudanças de setting e fazermos o que é possível nesse momento extraordinário. Não podemos inventar outra realidade. Há várias formas de fazer psicanálise e a potência do método psicanalítico está justamente na possibilidade de sustentar a estranheza e dar brechas a busca de sentidos. Essa é a nossa ética.

O trabalho psicanalítico mais pontual que está se construindo por meio das ações solidárias de atendimento aos profissionais de saúde e à população em geral, por toda a América Latina, tem sido um exemplo do potente instrumento que a psicanálise pode oferecer como contribuição social para o atravessamento da crise.

O espaço da psicanálise sempre foi encontrado nos interstícios, nas fendas do muro, onde a palavra encontra formas de enfrentar o mundo.

A escuta psicanalítica pode construir um momento de introspecção, de recuo, ao gerar uma conversa, que pode dar expressão à angústia subjacente a toda essa circunstância. E se a impotência atual é de todos nós, quem sabe se dê uma cura a dois.

*Referências bibliográficas*

Almodóvar, P. El largo viaje hacia la noche. Eldiario.es/ 30 de março de 2020.

<https://www.eldiario.es/tribunaabierta/largo-viaje-noche_6_1011458860.html>

Recuperado em 30 de abril de 2020.

Calmon, M. Sobre as novas escolhas. Edição online de O Globo, 9 de abril de 2020.

<https://oglobo.globo.com/opiniao/artigo-sobre-novas-escolhas-24359563>

Recuperado em 1 de junho de 2020.

Couto, M. O Vírus não pode ser o vilão da história. Estadão. 13 de maio de 2020.

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,mia-couto-o-virus-nao-pode-ser-entendido-como-o-vilao-da-historia,70003300582>

Recuperado em 22 de maio de 2020.

Han, Byung-Chul.(2015). Sociedade do cansaço. (Trad.Enio Paulo Giachini) Petrópolis, RJ: Vozes.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. La emergencia viral y el mundo de mañana, ( Publicado no El País 22 de março de 2020) in Sopa de Wuhan – Pensamento Contemporâneo em Tempos de Pandemia. P. 97-111.

<http://tiempodecrisis.org/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>

Recuperado em 15 de maio de 2020.

Herrmann, F. (2007). Andaimes do Real: Psicanálise da crença. 1ªed. São Paulo, Casa do Psicólogo.

Prata, A. Não sabemos. Folha de S. Paulo.12 de abril de 2020.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2020/04/nao-sabemos.shtml>

Recuperado em 15 de maio de 2020.

1. Diretora de Atendimento à Comunidade da SBPSP (2017-2020) [↑](#footnote-ref-1)